



Universidade de Brasília
Instituto de Ciência Política

A Influência do Antipetismo na Ascensão da Extrema Direita

Maria Regina dos Santos Castro Silva

Brasília/DF 2025



Universidade de Brasília
Instituto de Ciência Política

A Influência do Antipetismo na Ascensão da Extrema Direita

Maria Regina dos Santos Castro Silva

Monografia apresentada ao Curso de Ciência Política, do Instituto de Ciência Política, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Ciência Política sob a orientação do professor Maurício Ebling.

Brasília – DF

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1. A ORIGEM DO PARTIDO DOS TRABALHADORES (PT)

1.2 O Contexto Histórico

1.3 A Fundação do PT

1.4 O Significado Histórico do Surgimento do PT

2. OS DESAFIOS DO PT NA INSERÇÃO POLÍTICA E SUA CONSOLIDAÇÃO NAS ELEIÇÕES

3. O SURGIMENTO DO ANTIPETISMO, ESCÂNDALOS E JUNHO DE 2013

3.1. Escândalo do Mensalão

3.2 Manifestações de Junho de 2013

3.2.1 contexto e composição das manifestações ocorridas em junho de 2013

3.3 Operação Lava Jato

4. ANTIPETISMO E POLARIZAÇÃO POLÍTICA

4.1 A Construção do "Nós Contra Eles"

4.2 Reação dos Setores Conservadores e Empresariais

4.3 O Papel da Mídia Tradicional na disseminação do Antipetismo

4.4 Estratégias Narrativas: Corrupção e Comunismo

5. REDES SOCIAIS E DESINFORMAÇÃO

5.1 Plataformas Digitais como Catalisadores: WhatsApp, Facebook e YouTube como Ferramentas de Mobilização Antipetista

5.2 Discurso Simplista e Emocional para Atrair o Eleitorado

5.3 Fake News e Polarização

5.4 Impacto das Fake News nas Eleições de 2018

6. O ANTIPETISMO E A CONSOLIDAÇÃO DA EXTREMA DIREITA

6.1 Bolsonaro como Símbolo Antipetista: A Construção de Bolsonaro como "Outsider" e Alternativa ao PT

6.2 Estratégias Discursivas que Uniram Pautas Conservadoras e Críticas ao PT

6.3 A Agenda Conservadora: Defesa de Valores Tradicionais, Militarismo e Nacionalismo

7. IMPACTOS DO ANTIETISMO NA POLÍTICA BRASILEIRA

7.1 Fortalecimento da Extrema Direita: A Emergência de Novos Líderes e Movimentos Alinhados à Direita Conservadora

7.2 Crise da Esquerda

8. CONSEQUÊNCIAS PARA A DEMOCRACIA: POLARIZAÇÃO POLÍTICA

Considerações finais

Reférencias

RESUMO

O antipetismo desempenhou um papel central na ascensão da extrema direita no Brasil, especialmente na eleição de Jair Bolsonaro em 2018. Este artigo analisa como a rejeição ao Partido dos Trabalhadores (PT) foi consolidada ao longo dos anos e explorada por forças políticas conservadoras. A partir de uma revisão bibliográfica e análise discursiva, discute-se a maneira como escândalos de corrupção, crise econômica e desinformação contribuíram para a mobilização de um eleitorado insatisfeito e polarizado. Conclui-se que o antipetismo não apenas catalisou mudanças no espectro político, mas também reforçou uma retórica autoritária e conservadora.

Palavras-chave: Antipetismo, extrema direita, polarização, Bolsonaro, democracia.

ABSTRACT

Anti-PT sentiment played a central role in the rise of the far right in Brazil, especially in the election of Jair Bolsonaro in 2018. This article analyzes how the rejection of the Workers' Party (PT) was consolidated over the years and exploited by conservative political forces. Based on a bibliographic review and discursive analysis, the article discusses how corruption scandals, economic crisis and disinformation contributed to the mobilization of a dissatisfied and polarized electorate. It is concluded that anti-PT sentiment not only catalyzed changes in the political spectrum, but also reinforced an authoritarian and conservative rhetoric.

Keywords: Anti-PT sentiment, far right, polarization, Bolsonaro, democracy

INTRODUÇÃO

A política brasileira passou por transformações profundas nas últimas décadas, especialmente com o avanço do antipetismo como força motriz de mobilização popular. Originado na criação do partido e intencificado durante os governos do Partido dos Trabalhadores (PT), o antipetismo evoluiu de críticas políticas para uma rejeição massiva, alimentando sentimentos de insatisfação e desconfiança. Esse fenômeno foi crucial para o fortalecimento da extrema direita, culminando na eleição de Jair Bolsonaro em 2018. Este trabalho tem por objetivo investigar se o antipetismo foi construído e instrumentalizado para favorecer a ascensão de uma agenda política conservadora e autoritária. Através de uma série de revisões bibliográficas, buscou-se revisar uma série de eventos que tiveram influências no sentimento de rejeição para com o partido, como os escândalos do Mensalão e da Lava Jato, as manifestações de junho de 2013 e o impeachment da ex presidente Dilma Rousseff.

1. A ORIGEM DO PARTIDO DOS TRABALHADORES (PT)

O Partido dos Trabalhadores (PT) foi fundado em 10 de fevereiro de 1980, em São Paulo, no contexto da transição do Brasil da ditadura militar (1964-1985) para a redemocratização. Sua criação representou um marco na história política brasileira, pois foi a primeira vez que um partido político surgiu de forma autônoma, a partir das demandas de trabalhadores, movimentos sociais e intelectuais progressistas, da base social do Brasil, sendo o primeiro partido a inverter a ordem de criação que era de cima para baixo. A fundação do PT refletiu a efervescência política e social de uma época marcada pela luta por direitos trabalhistas, igualdade social e democracia.

1.2 O Contexto Histórico

Durante o regime militar, os partidos políticos tradicionais foram desarticulados e as liberdades civis severamente restrinvidas. Entretanto, na década de 1970, sinais de esgotamento do regime começaram a surgir, especialmente devido à estagnação econômica e à crescente pressão por abertura política. Nesse cenário, novos movimentos sociais e sindicais começaram a ganhar força.

No final dos anos 1970, o movimento sindical emergiu como uma das forças mais vigorosas de luta contra o sistema autoritário que o país vivia. Greves lideradas por trabalhadores do

ABC Paulista, sob a liderança de figuras como Luiz Inácio Lula da Silva, ganharam projeção nacional e simbolizaram a resistência contra a exploração trabalhista e reivindicando melhores condições de vida para a população urbana e rural que vivia à margem do Estado.

Com a Lei da Anistia de 1979 e a gradual abertura política criou-se um ambiente favorável para a reorganização da sociedade civil e a formação de novos partidos políticos. Com a possibilidade de criação de novos partidos, grupos que antes se concentravam nos dois partidos existentes, o ARENA, que era a base do regime militar, e o MDB, que era o mais próximo da oposição ao regime ditatorial, passaram promover uma fragmentação dos mesmos, transformando o bipartidarismo antes existente no sistema multipartidário que temos hoje.

1.3 A Fundação do PT

Com a abertura política pós-ditadura e percebendo que somente os movimentos sociais não seriam suficientes para promover as mudanças que almejavam, como melhores condições de vida para a população trabalhadora urbana e rural, o direito de realizarem greves e melhores condições de trabalho, buscando por mais espaço na arena política, a proposta de criação de um partido político que os pudessem representar surgiu.

Impulsionados pelo desejo de mudanças e obtendo apoio de outras parcelas da população, como a de intelectuais, artistas, e religiosos ligados a Teologia da Libertação, onde muitos desses apoiadores sofreram com perseguições na ditadura, mais de 1200 pessoas, reunidas no Colégio Sion, em São Paulo, aprovaram a criação do partido no dia 10 de fevereiro de 1980.

Com a criação do partido, é aprovado também por meio dos apoiadores ali presentes, o Manifesto do Partido dos Trabalhadores, que teria sua base regida por três bandeiras de luta: as lutas sociais, ser um partido composto pela massa, e a participação política dos trabalhadores no Congresso Nacional.

Apesar de ter sido criado em 1980, o PT só obteve seu registro eleitoral oficializado pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) em 1982, ano que elegeu seu primeiro representante no executivo, o prefeito Gilson Menezes na cidade de Diadema – SP.

1.4O Significado Histórico do Surgimento do PT

A criação do PT marcou a consolidação de um espaço político voltado para a classe trabalhadora, que historicamente havia sido marginalizada na política brasileira. Esse modelo trouxe uma alternativa às elites econômicas e políticas que haviam dominado o cenário político até então.

O PT foi uma ponte entre a política institucional e os movimentos sociais, articulando demandas populares e levando-as para o debate público e institucional. A união entre esses grupos ampliou a pressão por mudanças estruturais na sociedade e política brasileira.

Durante os anos iniciais de sua atuação, o PT representou um símbolo de resistência e luta contra as desigualdades e injustiças que prevaleciam no Brasil. Sua criação inspirou a ideia de que uma nova política, voltada para a defesa dos mais vulneráveis, deixadas a margem, era possível.

O PT vem como um lugar onde seriam escutadas as vozes que não eram escutadas e defendidas pelos partidos existentes. Surge assim, um partido político que aparece como a quebra de paradigmas existentes, um partido criado da sociedade para o Estado.

2. OS DESAFIOS DO PT NA INSERÇÃO POLÍTICA E SUA CONSOLIDAÇÃO NAS ELEIÇÕES

Nos primeiros anos, o PT enfrentou desafios significativos para se legitimar como um partido de alcance nacional. Seu eleitorado, formado pela base popular estava concentrado em regiões específicas, como o Sudeste e o Sul, e havia resistência de setores conservadores, que temiam sua proposta progressista e olhavam com medo sua forte acusação de relação com o comunismo proferida pelos opositores do partido. O PT mesmo que com certo apoio, encontrava na sociedade e política brasileira uma forte resistência a sua atuação.

Com a forte resistência encontrada para sua inserção e consolidação, o partido embora rejeitasse práticas tradicionais vigentes da política brasileira, como o clientelismo, teve de se adaptar às regras do jogo político para ganhar relevância no Congresso e nos espaços de poder, alcançando assim maior representação.

Para aumentar sua relevância, ficou clara a necessidade de formar alianças políticas para disputar eleições e influenciar decisões institucionais, o que gerou debates internos sobre

como conciliar a defesa de princípios ideológicos e causas defendidas em sua criação com a pragmática busca por inserção no poder.

Essa busca por poder gerou o que Singer (2010) denomina de as duas almas do PT, onde para conseguir seu lugar ao sol, o PT teve que fazer com que o que era antes um partido de esquerda, flertasse agora com o centro, onde pudesse realizar melhorias para a classe trabalhadora sem mexer com os interesses da classe média e elite brasileira.

Essa disposição à mudança de ideologia defendida em sua criação, pode ser vista na publicação da Carta ao Povo Brasileiro, publicado por Lula, onde diante das incertezas do povo com seu possível governo, garante que se eleito, ele e o partido respeitariam os contratos econômicos nacionais e internacionais. A carta que foi vista como uma indicação de apoio ao setor e ao sistema econômico vigente e que foi algo inovador na trajetória do PT, foi alvo de críticas por parte de seus apoiadores, que viam no PT e em Lula, a maior oportunidade de mudança que o país teria.

A distância com sua ideologia originária fez com que houvesse a fragmentação interna por parte dos filiados que não estariam mais de acordo com o posicionamento ideológico do PT. Essa fragmentação deu origem a partidos que estavam mais à esquerda do espectro político, como o PSOL, criado a partir dessa dissidência do PT.

3. O SURGIMENTO DO ANTIPETISMO, ESCÂNDALOS E JUNHO DE 2013

O antipetismo não surgiu recentemente ou se associa somente aos acontecimentos de 2013. De fato o antipetismo encontrou em 2013 um solo propício para florescer, semeando ali o que seria colhido mais tarde.

O antipetismo surge quase que de imediato a criação do partido em 1980, é de comum acordo em literaturas sobre o tema, que o surgimento do PT foi visto como uma ameaça que buscava provocar mudanças no escopo político da época. Não de interesse da classe política que houvesse a quebra do sistema em que operavam, sendo assim, o espaço político não deveria ser ocupado pelos candidatos petistas. A tendência antipetista era vista desde a década de 1980. Diferente dos outros partidos, o PT encontrava grande dificuldade de se firmar como um partido competitivo que pudesse obter resultados significativos nas eleições. O rosto do

partido e seu principal agente, Luis Inácio Lula da Silva concorreu a duas eleições antes que conseguisse ocupar a presidência do país.

Em 2002, alguns meses antes de sua eleição, Lula teve de publicar uma carta ao povo brasileiro afirmando que seguiria com o modelo econômico vigente para diminuir a relutância do povo com a sua candidatura.

Além disso, para que pudesse ser um partido competitivo em eleições, o PT teve que realizar alianças com outros partidos diferentes de sua ideologia. Essa mudança, com o intuito de resultados mais significativos representou para o PT a quebra com os princípios originários de sua ideologia e sua movimentação para um aspecto ideológico mais moderado ou de centro esquerda, que pode ser descrita como as duas almas do PT de acordo com André Singer (Singer, 2012).

É certo que após uma série de acontecimentos e escândalos durante os governos petistas, como o mensalão durante o governo Lula e a Lava Jato, durante o governo Dilma, deram aos seus opositores um ambiente favorável pra o início de uma maior movimentação da direita antipetista. Todavia, a intensificação do sentimento antipetista chegaria em sua fase mais forte a partir de 2015.

3.1. Escândalo do Mensalão

O escândalo do Mensalão, revelado em 2005, representou um marco negativo na trajetória do Partido dos Trabalhadores (PT) e da esquerda brasileira em geral. Investigado inicialmente pelo Ministério Público e aprofundado ainda mais pela Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) dos Correios. A denúncia, feita pelo então deputado Roberto Jefferson, relatada ao jornal Folha de São Paulo, acusava a ocorrência de um esquema que se dava pela compra de apoio político no Congresso Nacional durante o primeiro mandato do presidente Lula da Silva para obter a aprovação dos projetos apresentados, além de apoio a outras medidas. A complexidade e a amplitude do escândalo tiveram efeitos duradouros no cenário político e ideológico do país, refletindo-se no enfraquecimento da imagem do PT, na crise de confiança em relação à esquerda e na reconfiguração das forças políticas no Brasil.

Para o PT, o Mensalão foi um divisor de águas. O partido, que desde sua criação defendia a ética na política, se declarando como um partido diferente dos partidos existentes, sofreu um

abalo profundo em sua reputação. Conforme apontam Avritzer (2017) e Singer (2012), o PT enfrentou uma contradição entre o discurso histórico de moralidade e os fatos revelados pelo escândalo. Essa contradição minou a forte e defendida credibilidade do partido, especialmente entre setores da classe média e movimentos sociais que tradicionalmente o apoiavam.

Além disso, o Mensalão trouxe prejuízos eleitorais significativos. Embora Lula tenha conseguido a reeleição em 2006, pois mostrou que apesar do Mensalão, o país tinha conquistado um expressivo crescimento. Ainda assim, a grande cobertura midiática e forte tendência de acusação aos envolvidos do PT, e certa amenização em relação aos demais acusados, como elucidado por Azevedo (2016), o escândalo contribuiu para uma gradual perda de apoio popular do PT nas eleições posteriores, culminando na ascensão de movimentos de oposição mais conservadores. A percepção de corrupção foi intensamente explorada pela mídia e por adversários políticos, consolidando uma narrativa de decadência moral e administrativa do partido. (Miguel, 2016)

O impacto do Mensalão não se restringiu ao PT, mas reverberou em toda a esquerda brasileira. Conforme explica Boito Jr. (2013), o escândalo desestabilizou a articulação política de forças progressistas e reduziu sua capacidade de mobilização popular. A fragmentação interna entre diferentes correntes de esquerda e uma crescente identificação de partidos com os centros políticos intensificou-se, o que dificultou a construção de uma frente unificada da esquerda e de partidos progressistas para enfrentar a crescente onda conservadora que emergia no Brasil e que podia vir a ser uma ameaça à ordem democrática conquistada.

Outro efeito notável foi a desmobilização de setores populares. Segundo Chauí (2016), o Mensalão contribuiu para um desencanto generalizado com a política, que cresceria, especialmente entre os jovens e os trabalhadores, muitos dos quais se afastaram de organizações partidárias ou sindicais. Essa decepção com o partido que prometia ser diferente reforçou o discurso antipolítica, antipetista e antisistema, abrindo espaço para o crescimento de líderes populistas e de direita.

O Mensalão também teve implicações institucionais importantes. A decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) no julgamento do caso, em 2012, marcou um ponto de inflexão no combate à corrupção no Brasil. Embora celebrada por setores da sociedade, a judicialização da política também gerou controvérsias sobre o equilíbrio entre os poderes e o papel da mídia no processo. (Carvalho, 2014)

Em suma, o Mensalão provocou um abalo estrutural no PT e na esquerda brasileira. Ele não apenas afetou a reputação do partido, mas também reconfigurou o campo político nacional, aprofundando a polarização e favorecendo o avanço de projetos políticos conservadores.

3.2 Manifestações de Junho de 2013

Contrariando as expectativas, o PT conseguiu reeleger Lula para presidência e após seus oito anos de mandato frente ao Executivo, o PT lança como candidata a economista Dilma Rousseff.

Dilma vem como uma estreante na política, pois apenas tinha ocupado cargos de indicação. Com a imagem de ser a primeira mulher a poder ocupar a presidência e usando do capital eleitoral conquistado por Lula, Dilma chega ao cargo máximo da nossa democracia.

Em sua campanha, Dilma prometia seguir com as políticas implementadas por Lula. Entretanto, quando em exercício, a Presidente realizou uma série de mudanças, principalmente no setor econômico, cutucando uma parcela da população que Lula buscou não causar grande impacto. Lançou em seu governo uma nova matriz econômica onde o Estado teria maior intervenção no mercado. Essa mudança e maior interferência do Estado não foi vista com bons olhos pela elite econômica e pela parcela política que defendia um Estado mais liberal.

Uma parcela da população que já não se sentia representada nos governos do PT, aumentou ainda mais seu descontentamento. Todavia, não somente a elite estaria aumentando a insatisfação com o governo, a classe média e parcelas mais pobres da sociedade, que beneficiadas pelas políticas de ingresso a educação superior, possuíam alto capital educacional, mas que não conseguiam ascender no mercado de trabalho, não conseguiam obter renda mais compatível com seu nível educacional também se encontravam na onda dos descontentes com o governo. A insatisfação com o governo culminaria nas manifestações ocorridas em junho de 2013.

3.2.1 Contexto e composição das manifestações ocorridas em junho de 2013

As manifestações de junho de 2013 constituem um marco na história política brasileira, expondo a insatisfação popular com o sistema democrático e a crise de representatividade política, a corrupção e medidas implementadas pelo governo. O estopim para as

manifestações foi o aumento das tarifas de transporte público São Paulo, iniciando uma série de protestos organizados por movimentos como o Passe Livre. No entanto, as mobilizações que inicialmente reivindicavam a revogação do aumento das tarifas, rapidamente se expandiram, incorporando uma ampla e diversificada demanda que incluía críticas à precariedade dos serviços públicos, à corrupção e à classe política em geral. (Singer, 2014)

Um elemento forte dessas manifestações foi sua diversidade. Conforme analisado por Avritzer (2016), as ruas foram ocupadas por um público variado, incluindo jovens trabalhadores, estudantes, a classe média e um novo proletariado, refletindo uma rejeição generalizada ao sistema político tradicional, esse público era formado em sua maioria por jovens e jovens adultos entre 15 a 39 anos, compondo cerca de 80% do contingente de manifestantes.

Importante destacar a grande e massiva influência da classe média brasileira nas manifestações e no eleitorado descontente com o governo, as políticas implementadas, principalmente as de cunho social. A classe média via nas políticas públicas sociais do governo petista, uma grande ameaça perante o seu *status* na sociedade. Com as políticas públicas sociais, como reformas para o aumento do ingresso da população ao ensino superior, leis trabalhistas como a lei das domésticas e ações do governo para diminuir a pobreza, ambientes que eram vistos com pertencentes a esses *status* social, agora eram frequentados por aqueles que eram usados como a sua mão de obra. O medo de perder sua posição e a rejeição por essas políticas deram o gás que precisavam. Antes o que era estigmatizado como próprio da esquerda, os movimentos sociais e manifestações agora eram ocupados e usados para as reivindicações da direita.

Dentre os movimentos sociais que mais atuavam ideologicamente à direita, temos o Movimento Brasil Livre, o Vem pra Rua e o Revoltados Online. Esses movimentos sociais, utilizavam principalmente as redes sociais para desempenharem um papel fundamental na mobilização e na articulação dos manifestantes, pois possuíam nos espaços digitais sua maior ferramenta de visibilidade, onde possuíam uma rápida disseminação de informações e a ampla convocação de novos participantes e para a participação em protestos. Essa dinâmica conferiu às manifestações um caráter descentralizado e multifacetado, mas também dificultou a consolidação de lideranças e pautas específicas (Tatagiba & Galvão, 2019). Inicialmente associadas a demandas progressistas, como a ampliação dos direitos sociais, as manifestações

foram posteriormente apropriadas por setores conservadores, antipolíticos, antipopulares e antissistema, que enfatizaram o combate à corrupção, a ineficiência da democracia e fortaleceram discursos polarizadores.

Além disso, os protestos revelaram o esgotamento de um modelo político baseado em promessas de inclusão social e democrático que, embora tenha gerado avanços significativos, não atendeu plenamente às expectativas populares e insatisfazia a classe média e parte da elite.

As manifestações de junho de 2013 podem ser interpretadas como uma expressão de uma sociedade em transformação, que buscava redefinir os termos de sua relação com o Estado. No entanto, o esvaziamento político das mobilizações e sua apropriação por diferentes grupos contribuíram para a radicalização do discurso público nas manifestações e nos anos seguintes, semeando ainda mais o terreno para a crise de representatividade e a ascensão de lideranças conservadoras no Brasil.

3.3 Operação Lava Jato

Outro importante escândalo para o aumento da descredibilidade da população em relação à política, de forma geral, foi a Operação Lava Jato, podendo ser interpretada como o auge da desconfiança dos eleitores nas instituições e partidos políticos.

A Operação Lava Jato, iniciada em 2014 como um amplo esforço para investigar casos de corrupção envolvendo a Petrobras, teve profundas consequências para o PT, a esquerda brasileira, e a política nacional. Apresentada inicialmente como um marco na luta contra a corrupção, a operação se tornou um elemento central na polarização política do Brasil, afetando a credibilidade da democracia e contribuindo para a ascensão da direita no país.

A Lava Jato atingiu o PT de forma direta e devastadora, expondo um esquema de corrupção que envolvia líderes do partido e aliados políticos. A partir das investigações, figuras como Luiz Inácio Lula da Silva foram implicadas, o que culminou na condenação e prisão do ex-presidente em 2018 (Filgueiras, 2020). Essa narrativa reforçou o antipopularismo e consolidou a percepção de que o partido havia traído os ideais de sua fundação, baseados na ética e na defesa dos trabalhadores. Como consequência, o PT passou a ser associado mais uma vez à corrupção, enfrentando uma grave crise de identidade e perda de apoio eleitoral.

Além do PT, o impacto da Lava Jato atingiu amplamente a esquerda brasileira, que se viu enfraquecida no discurso público e nas urnas. A operação deslegitimou projetos de governo baseados em políticas progressistas ao associá-los a práticas ilícitas, o que gerou uma rejeição generalizada aos partidos de esquerda (avritzer, 2019). Movimentos sociais alinhados com o campo progressista também foram afetados, enfrentando dificuldades para mobilizar a população em defesa de pautas sociais e econômicas.

O efeito da Lava Jato foi ainda mais profundo ao gerar uma onda de desconfiança entre os eleitores brasileiros. De acordo com Souza (2021), o foco exclusivo da operação em líderes específicos criou a impressão de seletividade política e reforçou a ideia de que a corrupção era um problema central do sistema político. Essa percepção que também se utilizou de uma generalização seletiva por parte da mídia de acordo com Lima (2014), associando palavras e expressões a um grupo determinado, minou a confiança não apenas nos partidos, mas também nas instituições democráticas, como o Congresso e o Poder Executivo. Para muitos eleitores, a democracia foi associada à ineficácia e à perpetuação de escândalos, o que abriu espaço para discursos que pregavam soluções autoritárias.

A operação também foi instrumental na ascensão da direita política no Brasil. A partir do enfraquecimento do PT e da desmoralização da esquerda, líderes conservadores, como Jair Bolsonaro, capitalizaram o sentimento de indignação popular para construir narrativas antipetistas e de combate ao sistema. A Lava Jato forneceu o contexto oportuno para que a direita se apresentasse como alternativa à política tradicional, utilizando pautas morais e nacionalistas para conquistar eleitores insatisfeitos. (Hunter; Power, 2019)

Por fim, a Lava Jato intensificou a judicialização da política no Brasil. O protagonismo de juízes e promotores na definição de agendas públicas gerou debates sobre os limites entre os poderes da República. Segundo Diniz (2020), a operação ultrapassou o papel técnico-jurídico e se tornou um ator político relevante, influenciando diretamente os rumos das eleições e a governabilidade.

Portanto, o impacto da Lava Jato foi multifacetado, envolvendo o enfraquecimento do PT, a crise da esquerda, a desconfiança generalizada na política, e a consolidação de um campo conservador. Embora tenha prometido combater a corrupção, a operação também trouxe questionamentos sobre a fragilidade institucional e os desafios da democracia brasileira.

4. ANTIPELISMO E POLARIZAÇÃO POLÍTICA

De acordo com o dicionário, polarização significa a concentração em extremo opostos. A polarização política no Brasil é um fenômeno que vem ganhando força nos últimos anos, com o antipelismo desempenhando um papel de fundamental importância nesse processo. A rejeição sistêmica ao PT tornou-se um elemento de grande mobilização nos mais diferentes setores da sociedade, contribuindo para a intensificação das divisões ideológicas já pré-existentes. Mesmo em um sistema tido como multipartidário, um cenário comum de ser ver em eleições, são eleições altamente polarizadas onde um terceiro candidato não tem força para ganhar um espaço significativo na disputa, concentrando os eleitores dos demais candidatos em um dos dois extremos da polarização.

4.1 A Construção do "Nós Contra Eles"

O "nós contra eles" é uma expressão que sintetiza a retórica que permeou grande parte dos governos petistas, especialmente durante os mandatos de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010). Essa narrativa buscava enfatizar a distinção entre as elites tradicionais e as classes populares. Lula, em diversos discursos, frequentemente utilizava uma linguagem que contrapunha os interesses dos pobres às práticas históricas das elites políticas e econômicas do país.

Esse discurso tinha como objetivo o fortalecimento de uma identidade de classe dos segmentos mais vulneráveis da sociedade e legitimar a agenda de inclusão social adotada pelo governo, insinuando indiretamente que para conseguir seu lugar, as classes populares teriam que crescer frente aos culpados pela grande desigualdade do país. Políticas como o Programa Bolsa Família, a ampliação do acesso ao ensino superior e a valorização do salário mínimo foram vistas como instrumentos de redistribuição de renda e poder. No entanto, essa retórica também acentuou a divisão ideológica no Brasil, alimentando ressentimentos em setores da classe média e das elites econômicas (Singer, 2012), que viam nessas ações do governo uma ameaça, pois a classe média que antes exercia mais poder sobre a classe subproletária e os tinham como mão de obra, vê com as novas políticas públicas e os novos direitos trabalhistas, uma nova classe emergindo e sua mão de obra barata e sem direitos diminuindo. Uma classe que tem como bandeira a meritocracia, agora via uma classe que para eles não tinham direitos,

pois não fizeram por merecer, e que agora possuíam uma voz e começavam a frequentar os ambientes antes eram frequentados só pela classe média em diante.

Para essas camadas, as políticas progressistas implementadas pelos governos petistas representavam uma ameaça ao seu *status quo*. A ascensão social de grupos historicamente marginalizados criou uma sensação de deslocamento, especialmente entre a classe média, que passou a competir por espaços anteriormente exclusivos, como o acesso à educação superior e ao mercado de trabalho qualificado. Essa percepção de perda gerou um ressentimento que foi explorado por adversários do PT. Esse ressentimento e indignação, fez com que as divisões ideológicas que já eram muito evidentes, agora se fortalecessem e se tornassem mais visíveis que nunca.

4.2 Reação dos Setores Conservadores e Empresariais

Os setores conservadores e empresariais reagiram de forma organizada às políticas redistributivas e à retórica petista. Organizações como a Confederação Nacional da Indústria (CNI) e a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) posicionaram-se contra medidas que aumentavam os custos trabalhistas, como a valorização do salário mínimo e a ampliação de direitos trabalhistas, pois para industrias, qualquer medida que valorizasse e desse mais direitos eram tidas como um prejuízo, porém significava maiores investimentos e maiores despesas. É o cenário de disputas entre os trabalhadores que reivindicavam melhores condições de trabalho e melhores salários, e os empresários que buscavam ao máximo reduzir os custos, fosse com salários baixos ou menos garantias, e que não valorizavam mudanças que pudessem mexer nos seus bolsos.

A reação também foi impulsionada por uma interpretação ideológica que associava as políticas petistas ao socialismo ou mesmo ao comunismo. Discursos que vinculavam o PT ao Foro de São Paulo – uma organização de partidos e movimentos de esquerda na América Latina – foram amplamente disseminados para alimentar o medo de uma suposta "venezuelização" do Brasil, se referindo a crise econômica e social que a Venezuela enfrenta. (López; Rey, 2019)

Os setores conservadores, com o sentimento religioso que os guia, via em mudanças realizadas pelo PT durante seus governos, como direitos para pessoas LGBT+ como políticas imorais, viam no PT a degradação dos valores morais e cristão. (Araujo, 2022)

4.3 O Papel da Mídia Tradicional na disseminação do Antipetismo

A mídia tradicional desempenhou um papel crucial na propagação de críticas ao PT, contribuindo para a consolidação do antipetismo. Veículos como a Rede Globo, a Revista Veja e o jornal O Estado de S. Paulo frequentemente dedicaram espaços amplos para reportagens que associavam o partido a escândalos de corrupção, como o Mensalão (2005) e a Operação Lava Jato (2014). Embora fosse fundamental expor casos de corrupção, a cobertura desequilibrada contribuiu para a percepção de que o PT era o principal responsável pelos problemas estruturais do país. (Miguel, 2016)

Autores como Luis felipe Miguel e André Singer, concordam que o foco desproporcional nos escândalos petistas ofuscou o envolvimento de outros partidos em esquemas similares. Essa seleção reforçou narrativas de que a corrupção era algo inerente ao PT, enquanto outras legendas escapavam da mesma cobertura midiática. Faziam das coberturas sobre os escândalos mais do que apenas reportagens informativas, transformavam as coberturas em espetáculos em que PT e seus políticos eram os protagonistas, enquanto os outros acusados eram noticiados como meros figurantes num filme destinado a julgar o PT fora de um tribunal e sim através da mídia.

Além disso, programas de opinião e editoriais e mídias sociais frequentemente utilizavam uma linguagem que reforçava estigmas em relação ao partido, realizando um enquadramento de trechos específicos, a repercutindo alguma fala fora do contexto em que foi dita, e assim foram construindo uma imagem de ineficiência administrativa e descompromisso com a ética, agindo como a mídia parcial de oposição crítica. (Singer, 2000)

4.4 Estratégias Narrativas: Corrupção e Comunismo

A associação do PT à corrupção foi uma das estratégias narrativas mais eficazes na disseminação do antipetismo. Escândalos como o Mensalão e a Lava Jato foram amplamente explorados para consolidar a ideia de que o partido havia traído seus princípios fundadores. Essa narrativa foi reforçada pela disseminação de desinformação nas redes sociais, que amplificaram casos isolados e criaram um ambiente de polarização ainda mais acentuado. (Filgueiras, 2020)

Outra estratégia comum foi a associação do PT ao comunismo, um discurso que encontrou eco em setores conservadores e religiosos. A ideia de que o partido pretendia transformar o

Brasil em uma ditadura socialista foi propagada por grupos como o Movimento Brasil Livre (MBL) e o Vem Pra Rua, e mais tardar por candidatos da direita, como Bolsonaro, que utilizaram as redes sociais para mobilizar manifestações e disseminar mensagens contrárias ao partido. Essa narrativa foi particularmente eficaz entre eleitores da classe média, que viam no antipetismo uma forma de proteger seus valores e interesses.

O antipetismo não é apenas um fenômeno de rejeição política, mas um elemento central na polarização do Brasil contemporâneo. A construção do "nós contra eles", somada à disseminação de narrativas que vinculavam o PT à corrupção e ao comunismo, contribuiu para um ambiente de divisão ideológica que impacta diretamente a democracia.

5. REDES SOCIAIS E DESINFORMAÇÃO

As redes sociais desempenharam um papel central na reconfiguração do cenário político brasileiro, atuando como catalisadores e impulsionadores de eleitores. Uma criação que visa aproximar pessoas e proporcionar notícias e afins, que estava ali com fácil acesso, também se mostrou um novo ambiente de campanhas políticas. Por meio das redes sociais, a disseminação do antipetismo se tornou mais ampla, veloz e eficaz, intensificando ainda mais o processo de polarização. Plataformas como WhatsApp, Facebook e YouTube emergiram como ferramentas poderosas para a mobilização política, muitas vezes utilizadas para disseminar desinformação e discursos polarizadores. Esse contexto foi especialmente evidente durante as eleições de 2018, quando o uso de *fake news* se tornou um elemento estruturante do debate público e da definição de preferências eleitorais. Essas dinâmicas moldaram o processo político, com foco na instrumentalização das plataformas digitais e no impacto da desinformação na polarização.

5.1 Plataformas Digitais como Catalisadores: WhatsApp, Facebook e YouTube como Ferramentas de Mobilização Antipetista

As redes sociais não apenas ampliaram o alcance das mensagens políticas, mas também permitiram uma comunicação direta e segmentada com os eleitores. Entre as plataformas mais influentes no Brasil, o WhatsApp destacou-se como um dos principais meios de mobilização antipetista. Com sua estrutura de mensagens privadas e criptografadas, o WhatsApp possibilitou a disseminação de conteúdos polarizadores e desinformativos de forma rápida e

em larga escala, muitas vezes sem possibilidade de rastreamento ou verificação. (Nemer, 2020)

No Facebook, grupos e páginas focadas em criticar o Partido dos Trabalhadores se proliferaram, atingindo milhões de usuários com postagens altamente engajantes. Essas comunidades criaram um ambiente propício para a consolidação de narrativas que vinculavam o PT à corrupção e ao comunismo.

O YouTube, por sua vez, tornou-se uma plataforma central para influenciadores políticos que, através de vídeos opinativos e simplistas, reforçaram discursos polarizadores e mobilizaram o público contra as lideranças petistas.

Essas plataformas também permitiram uma comunicação que escapava ao controle da mídia tradicional. Influenciadores digitais, como youtubers, blogueiros, até mesmos cantores e atores, administradores de grupos no WhatsApp, tornaram-se atores centrais no processo de formação de opinião, muitas vezes superando em alcance e impacto os meios de comunicação convencionais como jornais, rádios e televisão. Essa dinâmica transformou as redes sociais em um campo de batalha ideológico, onde as narrativas antipetistas ganharam espaço e legitimidade.

5.2 Discurso Simplista e Emocional para Atrair o Eleitorado

Um dos fatores que explicam o sucesso da mobilização antipetista nas redes sociais é o uso de discursos simplistas e emocionais. Ao reduzir questões complexas como a corrupção sendo um fator presente em diversas instâncias e governos, a *slogans* e frases de impacto, essas narrativas conseguiram atingir um público amplo e diversificado. Frases como "o Brasil não pode virar uma Venezuela" ou "PT é sinônimo de corrupção" foram amplamente disseminadas em memes, vídeos curtos e postagens que apelavam para o medo e a indignação.

Esse tipo de comunicação emocional é especialmente eficaz em plataformas digitais, onde o conteúdo precisa ser atraente e de fácil compreensão para competir com a enorme quantidade de informações disponíveis. Estudos mostram que conteúdos que provocam emoções negativas, como raiva ou medo, têm maior potencial de compartilhamento, o que explica o alcance massivo das narrativas antipetistas. (Pereira; Baldin, 2019)

5.3 *Fake News* e Polarização

A desinformação desempenhou um papel crucial na intensificação do antipetismo. Durante as eleições de 2018, uma série de *fake news* direcionadas contra lideranças petistas foi amplamente disseminada, especialmente via WhatsApp. Entre os exemplos mais notáveis, estavam falsas alegações de que Fernando Haddad, então candidato do PT, havia distribuído "kits gay" em escolas e que o partido tinha um plano para transformar o Brasil em uma ditadura comunista.

Essas informações falsas não apenas desvirtuaram o debate político, mas também reforçaram preconceitos e estigmas já existentes. Pesquisas indicam que as *fake news* são especialmente eficazes porque exploram crenças preexistentes do público, criando uma sensação de confirmação que dificulta sua desconstrução (Wardle; Derakhshan, 2017). Em um país que possui uma tendência a buscarem formar suas opiniões através de notícias, as *fake news* dão a quem procura se legitimar um gosto de estarem com a razão, e quando corroborando para essa legitimação, essa *fake news* ganha uma defesa por meio dos que julgam como verdade, a quando a mesma é contestada ou desmentida, a informação verdadeira não ganha espaço nesse grupo.

5.4 Impacto das *Fake News* nas Eleições de 2018

As *fake news* tiveram um impacto significativo nas eleições de 2018, contribuindo para a polarização e para a formação de um ambiente hostil ao PT. A disseminação massiva de informações falsas distorceu a percepção dos eleitores, gerando uma rejeição ao partido que transcendia as críticas fundamentadas em fatos. Além disso, as redes sociais permitiram que essas narrativas alcançassem públicos que antes estavam fora do alcance das campanhas tradicionais, ampliando o impacto da desinformação.

O caso do "kit gay" é emblemático nesse sentido. Apesar de amplamente desmentida, a *fake news* teve um impacto significativo entre eleitores evangélicos e conservadores, que viam na pauta de costumes um dos principais fatores para a definição de seu voto. Essa estratégia de disseminação de desinformação não apenas enfraqueceu as lideranças petistas, mas também consolidou uma base de apoio para candidatos alinhados à extrema direita, como Bolsonaro. (Nemer, 2020)

O uso das redes sociais e a disseminação de *fake news* redefiniram as dinâmicas políticas no Brasil, transformando plataformas digitais em ferramentas de mobilização e polarização. A instrumentalização dessas ferramentas para promover o antipetismo não apenas impactou as eleições de 2018, mas também deixou marcas profundas na democracia brasileira.

6. O ANTIPETISMO E A CONSOLIDAÇÃO DA EXTREMA DIREITA

A ascensão de Jair Bolsonaro à presidência em 2018 foi um evento que sintetizou a convergência de vários fatores, com o antipetismo desempenhando um papel central nesse processo. Bolsonaro foi construído como o principal símbolo da rejeição ao PT e ao que ele representava. Sua campanha combinou estratégias discursivas que articularam pautas conservadoras e críticas ao legado petista, consolidando-o como o *outsider* que prometia romper com o sistema político tradicional. Além disso, a adoção de uma agenda conservadora, que promovia valores tradicionais, militarismo e nacionalismo, reforçou sua posição como alternativa ao progressismo associado ao PT.

6.1 Bolsonaro como Símbolo Antipetista: A Construção de Bolsonaro como *Outsider* e Alternativa ao PT

Bolsonaro não surgiu do nada como uma figura política; ele estava no Congresso Nacional há quase três décadas antes de sua eleição como presidente. No entanto, sua trajetória foi marcada por uma atuação discreta e, muitas vezes, polêmicas, sem protagonismo em grandes debates ou projetos legislativos relevantes. Sua transformação em um candidato viável à presidência ocorreu em um contexto de crise de representação e profunda rejeição ao sistema político tradicional, intensificado pelos escândalos de corrupção que marcaram os governos petistas, como o Mensalão e a Lava Jato. (Hunter; Power, 2019)

Bolsonaro foi habilmente construído como um *outsider*, alguém de fora da elite política, apesar de seu longo histórico como parlamentar. Essa contradição foi minimizada em sua narrativa de campanha, que o posicionava como o único candidato capaz de romper com o sistema vigente e promover a moralização e melhora da política brasileira. Sua comunicação direta e desinibida, marcada por declarações polêmicas e simplistas, encontrou afinidade em uma população cansada dos discursos formais e políticos, e que muitas vezes, se sentiam distantes dos políticos tradicionais. (Nemer, 2020)

6.2 Estratégias Discursivas que Uniram Pautas Conservadoras e Críticas ao PT

A campanha de Bolsonaro soube articular estratégias discursivas que uniam uma agenda conservadora à rejeição aos governos petistas. Ele explorou temas como o combate à corrupção, a segurança pública e a defesa da família tradicional para criar um discurso que apelava a diferentes segmentos da sociedade. Ao mesmo tempo, utilizou a desinformação como ferramenta para reforçar o medo e a rejeição ao PT, associando o partido à corrupção endêmica e às ameaças de um suposto comunismo e transformação em uma outra Venezuela.(Pereira; Baldin, 2019)

Bolsonaro também se aproveitou de um ambiente político polarizado para posicionar-se como a única alternativa possível. Ao colocar o PT como o inimigo do Brasil que devia ser combatido, sua campanha conseguiu unificar diferentes grupos conservadores e liberais em torno de uma causa comum: impedir o retorno do partido ao poder. Essa estratégia não apenas consolidou sua base de apoio, mas também ampliou a polarização, dificultando o diálogo entre setores divergentes da sociedade. (López; Rey, 2019)

6.3 A Agenda Conservadora: Defesa de Valores Tradicionais, Militarismo e Nacionalismo

A agenda conservadora foi um dos pilares da campanha de Bolsonaro e desempenhou um papel crucial em sua consolidação como o candidato antipetista. Ele se apresentou como defensor de valores tradicionais, como a família e a moral cristã, conquistando apoio massivo entre grupos evangélicos e católicos conservadores. Esse discurso encontrou simpatia em um contexto de insatisfação com pautas progressistas promovidas pelos governos petistas, como a ampliação de direitos LGBT+ e a implementação de políticas de educação sexual nas escolas.

O militarismo também foi um elemento central na construção de sua imagem. Bolsonaro frequentemente exaltava o período da ditadura militar (1964-1985) como um tempo de ordem e progresso, contrastando-o com os desmandos dos governos democráticos que o sucederam. Essa retórica foi particularmente eficaz em um momento em que a insegurança pública era uma das principais preocupações da população. Ao defender soluções autoritárias, como o armamento civil e o endurecimento das penas, Bolsonaro posicionou-se como o candidato da lei e da ordem.(Hunter; Power, 2019)

O nacionalismo, por sua vez, foi usado para reforçar a identidade brasileira e mobilizar o público contra inimigos externos e ameaças internas. Bolsonaro frequentemente criticava organizações internacionais e promovia a ideia de que o Brasil precisava resgatar sua soberania, afastando-se de influências estrangeiras que, segundo ele, comprometeriam a identidade nacional. Esse discurso nacionalista foi reforçado por uma narrativa de redenção, na qual o Brasil seria resgatado das mãos de uma esquerda corrupta e entreguista.

6.4 O Uso do Medo e da Rejeição ao PT para Justificar Retóricas Autoritárias

O medo foi uma ferramenta central na estratégia de Bolsonaro para consolidar sua base de apoio e justificar retóricas autoritárias. Sua campanha explorou a rejeição ao PT para construir uma narrativa na qual o partido era responsável por todos os males do Brasil, desde a corrupção até a crise econômica e o aumento da violência. Essa narrativa foi amplificada por meio de desinformação, como as *fakenews* que alegavam que o PT planejava transformar o Brasil em uma ditadura comunista.

Ao mesmo tempo, Bolsonaro utilizou o medo como justificativa para suas propostas autoritárias. Ele argumentava que apenas medidas drásticas, como o armamento da população e a ampliação dos poderes das forças de segurança, poderiam salvar o Brasil do caos instaurado pelos governos petistas. (Miguel, 2016)

A ascensão de Bolsonaro como símbolo do antipetismo reflete um momento de profundas mudanças no cenário político brasileiro, corroborando com o pêndulo democrático brasileiro, que de tempos em tempos encontram atores dispostos a abandonarem a ordem democrática e a proporem medidas autoritárias como necessárias para um país melhor.

7. IMPACTOS DO ANTIPETISMO NA POLÍTICA BRASILEIRA

A ascensão do antipetismo no Brasil não é um fenômeno isolado, mas o resultado de um contexto político e social marcado por crises econômicas, escândalos de corrupção e disputas ideológicas intensas. Podemos ver os impactos do antipetismo em três dimensões principais: o fortalecimento da extrema direita, a crise da esquerda e as consequências para a democracia brasileira.

7.1 Fortalecimento da Extrema Direita: A Emergência de Novos Líderes e Movimentos Alinhados à Direita Conservadora

O antipetismo, enquanto movimento social e político, desempenhou um papel fundamental no fortalecimento da extrema direita no Brasil. De acordo com Fernandes (2019), a rejeição massiva ao PT criou um vácuo político que foi rapidamente preenchido por lideranças populistas e conservadoras, como Bolsonaro. Seu discurso, marcado por apelos ao conservadorismo, à moralidade e à anticorrupção, encontrou eco em uma sociedade frustrada com as crises econômicas e políticas.

Bolsonaro, embora um político veterano, conseguiu moldar sua imagem como outsider. Ele explorou habilmente a insatisfação popular com o PT, partido associado a escândalos de corrupção amplamente divulgados, como o Mensalão e a Operação Lava Jato (Filgueiras; Almeida, 2020). A narrativa antipetista uniu grupos diversos, desde setores evangélicos conservadores até empresários descontentes com as políticas econômicas de governos anteriores.

Além disso, movimentos como o MBL e o Vem Pra Rua desempenharam um papel essencial ao organizar manifestações massivas contra o governo Dilma Rousseff, frequentemente utilizando um discurso que reforçava a ideia de que o PT representava uma ameaça à democracia e à ordem social. Rocha (2021) aponta que esses movimentos não só canalizaram a insatisfação popular, mas também consolidaram novas lideranças políticas alinhadas à direita conservadora.

Um dos fatores mais significativos no fortalecimento da extrema direita foi o uso estratégico das redes sociais. Segundo Araújo e Prior (2020), plataformas como Facebook, WhatsApp e Twitter foram transformadas em verdadeiros palcos de disputa política, permitindo a disseminação de narrativas antipetistas de forma rápida e abrangente. A desinformação desempenhou um papel central nesse processo, com a propagação de *fake news* que reforçavam preconceitos contra o PT e seus líderes.

Um exemplo emblemático foi a circulação de mensagens que vinculavam o PT a ameaças comunistas ou a conspirações globais. Essa narrativa simplista e emocional capturou a atenção de milhões de eleitores, criando uma base de apoio coesa para Bolsonaro e para

outras figuras da extrema direita. Memes, vídeos e áudios viralizaram, transformando a política em um campo de batalhas simbólicas (Santana; Paiva, 2021).

7.2 Crise da Esquerda

Enquanto o antipetismo fortalecia a direita, ele também debilitava profundamente a esquerda, especialmente o PT. A Operação Lava Jato, embora inicialmente vista como um marco no combate à corrupção, acabou por consolidar a imagem do PT como o partido mais corrupto do Brasil, independentemente das evidências e condenações envolvendo outros partidos e políticos (Singer, 2018).

O desgaste político do PT ficou evidente nas eleições de 2016 e 2018, quando o partido perdeu espaço em importantes redutos eleitorais. O impeachment de Dilma Rousseff, em 2016, marcou não apenas uma derrota política, mas também simbólica, abrindo espaço para o avanço de discursos que associavam toda a esquerda ao fracasso econômico e à corrupção.

Além disso, a crise na esquerda não se limitou ao PT. Partidos como PSOL e PCdoB enfrentaram dificuldades para se posicionar como alternativas viáveis. Segundo Nobre e Carvalho (2020), a fragmentação interna da esquerda e a falta de uma estratégia unificada enfraqueceram sua capacidade de resistência frente ao avanço da direita.

Embora enfraquecida, a esquerda tentou reagir por meio de movimentos como o "Lula Livre", que buscava denunciar a prisão de Lula como uma estratégia política para impedir sua candidatura em 2018. Contudo, esses movimentos enfrentaram resistência significativa, inclusive dentro de setores historicamente aliados. A forte associação entre o PT e a corrupção reduziu a eficácia de iniciativas que dependiam de mobilizações populares amplas.

Por outro lado, movimentos progressistas ligados a causas identitárias, como os direitos LGBT+ e o combate ao racismo, emergiram como novos focos de resistência. Embora essas pautas sejam essenciais, Pereira e Silva (2021) argumentam que sua centralidade no discurso progressista acabou alienando setores mais tradicionais da sociedade, dificultando a reconstrução de uma base ampla e diversa.

8. CONSEQUÊNCIAS PARA A DEMOCRACIA: POLARIZAÇÃO POLÍTICA

O antipetismo contribuiu significativamente para a polarização política no Brasil. Essa polarização, marcada por discursos de ódio e pela simplificação dos debates, transformou adversários políticos em inimigos. Oliveira (2020) destaca que a retórica do "nós contra eles" se tornou predominante, exacerbando divisões sociais e políticas que já existiam.

A polarização também trouxe consequências diretas para o funcionamento das instituições democráticas. A desconfiança no sistema eleitoral, alimentada por teorias de conspiração amplificadas por líderes da extrema direita, comprometeu a legitimidade dos processos democráticos. Lima (2023) aponta que as acusações infundadas de fraude eleitoral, como a realizada por Aécio Neves ao perder para Dilma, embora sem provas concretas, minaram a confiança da população nas urnas eletrônicas, um pilar do sistema eleitoral brasileiro.

O ambiente político polarizado também enfraqueceu o debate democrático. As discussões, em vez de se concentrarem em políticas públicas e soluções para os problemas nacionais, passaram a girar em torno de ataques pessoais e narrativas ideológicas. No Congresso Nacional, por exemplo, o discurso político tornou-se mais radicalizado, dificultando a aprovação de medidas essenciais para o país. (Almeida; Costa, 2022)

Além disso, a mídia desempenhou um papel ambíguo. Se, por um lado, cumpriu sua função como quarto poder democrático de vigiar e com isso expor casos de corrupção, por outro, amplificou narrativas antipetistas de maneira desproporcional, contribuindo para a desinformação e para a intensificação da polarização. (Soares, 2020)

Os impactos do antipetismo na política brasileira são profundos e multifacetados. Ele catalisou o fortalecimento da extrema direita, enfraqueceu a esquerda e promoveu uma polarização que ameaça os alicerces da democracia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O antipetismo, analisado ao longo deste trabalho, revelou-se um fenômeno multifacetado, cujas raízes e impactos atravessam a história política, social e cultural do Brasil nas últimas décadas. Desde sua gênese, impulsionada pela rejeição às práticas e ideologias do Partido dos Trabalhadores, até sua consolidação como um movimento estruturante na política brasileira, o antipetismo desempenhou um papel central na transformação do cenário político nacional.

A ascensão da extrema direita, materializada na eleição de Jair Bolsonaro, expôs como a narrativa antipetista foi habilmente utilizada para mobilizar diferentes setores da sociedade. Discursos polarizadores, pautas conservadoras e a amplificação de desinformação foram instrumentos eficazes para consolidar lideranças e agendas alinhadas a valores tradicionais, nacionalistas e autoritários.

Por outro lado, a esquerda, especialmente o PT, enfrentou o desafio de reconstruir sua credibilidade em meio a crises internas, escândalos de corrupção e ataques sistemáticos. A fragmentação das forças progressistas dificultou a criação de uma frente coesa e robusta, enquanto a crescente polarização política aprofundou divisões que atravessam a sociedade brasileira.

Além disso, as consequências para a democracia são inegáveis. A judicialização da política, o enfraquecimento do debate público e o aumento da desconfiança nas instituições evidenciam os riscos de um ambiente profundamente polarizado. A mídia e as redes sociais desempenharam papéis ambíguos, ora atuando como ferramentas de fiscalização, ora como veículos de narrativas desequilibradas e desinformação.

Compreender o impacto do antipetismo é essencial para construir pontes de diálogo, restaurar a confiança nas instituições e fortalecer o sistema democrático. Apenas com um debate político mais equilibrado e inclusivo será possível superar os desafios impostos por essa polarização, pavimentando o caminho para uma sociedade mais justa e participativa.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Afonso de. Populismo, elitismo e democracia: reflexões a partir da Operação Lava Jato. *Mediapolis – Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público*, n. 12, 2021

ALMEIDA, J.; COSTA, P. Polarização política e os desafios para a democracia brasileira. Editora Democrática. 2022

ARAÚJO, Victor. Pentecostalismo e antipetismo nas eleições presidenciais brasileiras. *Latin American Research Review*, v. 57, p. 517–535, 2022.

ARAÚJO, M.; PRIOR, A. Redes sociais e desinformação na era do antipetismo. *Revista Brasileira de Comunicação*. 2020

AZEVEDO, Fernando. A grande imprensa brasileira: paralelismo político e antipetismo (1989-2014). São Carlos: Universidade Federal de São Carlos. 2016

BARROS, Antonio; LEMOS, Cláudia. Política, pânico moral e mídia: controvérsias sobre os embargos infringentes do escândalo do Mensalão. *Opinião Pública*, vol. 24, nº 2, Campinas, 2018.

BELLO, Enzo; CAPELA, Gustavo; KELLER, René José. Operação Lava Jato: ideologia, narrativa e (re)articulação da hegemonia. *Revista Direito e Práxis*, v. 12, n. 3, Rio de Janeiro: UFF. 2021

BOMFIM, Ivan; SARTOR, Basílio; VIEIRA, Karine Moura; SILVA, Marcia Veiga da (Orgs.). *Mídia e zeitgeist*. Florianópolis: Editora Insular. 2025

BORGES, André. As duas faces da nova direita brasileira: antipolítica e reação conservadora. *Opinião Pública*, Campinas, vol. 30, p. 1-27. 2024.

BORGES, André; VIDIGAL, Robert. Introdução: Para entender a nova direita brasileira. Preprint, ResearchGate, 2023

BORGES, André; VIDIGAL, Robert. Do lulismo ao antipetismo? Polarização, partidarismo e voto nas eleições presidenciais brasileiras. Campinas: Revista Opinião Pública, vol. 24, nº 1. 2018.

BORGES, André. Razões da Fragmentação: Coligações e Estratégias Partidárias na Presença de Eleições Majoritárias e Proporcionais Simultâneas. Dados, Rio de Janeiro, v. 62, n. 3, 2019

BULGARELLI, Lucas. Moralidades, direitas e direitos LGBTI nos anos 2010. In: SAFATLE, Vladimir (Org.). *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018

CALDERAN, Marcus Vinicius. Contornos discursivos do antipetismo nas mídias sociais: uma análise a partir do Movimento Brasil Livre. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2020.

CALIL, Gilberto. Olavo de Carvalho e a ascensão da extrema-direita. Argumentum, Vitória, v. 13, n. 2, p. 64-81. 2021

CARVALHO, Mariana; VERRI, Francisco; OLIVEIRA, Gisele. Jornalismo público em tempos de crise: cobertura das eleições presidenciais de 2018 pela Agência Brasil (ABr/EBC). Confluências, Niterói, v. 22, n. 3, dez. 2020

CHAUVIN, Jean Pierre. Dialética do antipetismo. Publicado em A Terra é Redonda, 2022

DECOURT, Laurent. Um TeaParty tropical: a ascensão de uma “nova direita” no Brasil. Traduzido do francês por Lúcio Flávio de Almeida. Revisão de Célia Motta. São Paulo: Lutas Sociais, vol. 20, n. 36, p. 126-139, jan./jun. 2016.

DIAS, Tayrine; BÜLOW, Marisa von; GOBBI, Danniel. Populist framing mechanisms and the rise of right-wing activism in Brazil. Latin American Politicsand Society, v. 63, n. 3, 2021

DINIZ, E.; AVELAR, L. Crise Política e Ascensão da Extrema Direita no Brasil. São Paulo: Editora Contexto. 2021

DINIZ, E. "Judicialização da política e os limites do ativismo judicial". Revista Brasileira de Ciência Política, 34. 2020

FERNANDES, L. O antipetismo e a ascensão da extrema direita no Brasil. Estudos Políticos. 2019

FILGUEIRAS, F.; ALMEIDA, R. Corrupção e crise política no Brasil. Editora Contexto. 2020

FILGUEIRAS, F. Corrupção e Democracia no Brasil: O impacto político da Operação Lava Jato. Belo Horizonte: UFMG. 2020

GONÇALVES, Vinícius Batista; ANDRADE, Daniela Meirelles. A corrupção na perspectiva durkheimiana: um estudo de caso da Operação Lava Jato. Rio de Janeiro: Revista de Administração Pública, v. 53, n. 2, p. 271-290, mar.-abr. 2019.

GRACINO , Paulo; GOULART, Mayra; FRIAS, Paula. “Os humilhados serão exaltados”: ressentimento e adesão evangélica ao bolsonarismo. Cadernos Metrópole, v. 23, n. 51, São Paulo: Observatório das Metrópoles, 2021.

HUNTER, W.; POWER, T. J. "Bolsonaro andBrazil's Illiberal Backlash". JournalofDemocracy, 30(1), 68-82. 2019

KERCHE, Fábio; MARONA, Marjorie. A política no banco dos réus: a Operação Lava Jato e a erosão da democracia. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020 .

LIMA, Flávio Ribeiro de. As eleições de 2018 e a ascensão da extrema direita no Brasil. Revista Percurso, NEMO Maringá, v. 11, n. 1, p. 207-215, 2019

LIMA, T. Desafios institucionais no Brasil contemporâneo. Revista de Ciências Sociais. 2023

LIMA, V. A direita e os meios de comunicação. In J. Fiori (Org.), *Direita, volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro*(pp. 123-140). São Paulo: Boitempo. 2014

LIMONGI, Fernando. Operação impeachment: Dilma Rousseff e o Brasil da Lava Jato. São Paulo: Todavia, 2020

LÓPEZ, M., REY, J. Foro de São Paulo e as narrativas anticomunistas na América Latina. Revista de Estudos Políticos Latino-Americanos, 12(2), 45–68. 2019

MAITINO, Martin. “Direita, sem vergonha”: conformações no campo da direita no Brasil a partir do discurso de Jair Bolsonaro. PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 111-134, 2018

MANGOLIN, Cesar. Confluências políticas da pequena burguesia: o antipetismo de direita e de esquerda.

MIGUEL, Luis Felipe; COUTINHO, Aline de Almeida. A crise e suas fronteiras: oito meses de “mensalão” nos editoriais dos jornais. Opinião Pública, Campinas, v. 13, n. 1, p. 97-123, 2007

MIGUEL, Luis Felipe. O papel da mídia na construção do antipetismo. In: *A direita no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Boitempo. 2016

MIGUEL, Luis Felipe. A reemergência da direita brasileira. In E. Solano (Org.), *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil* (pp. 17-26). São Paulo: Boitempo 2018

NEMER, D. *Tecnopolítica e Democracia no Brasil: O impacto do WhatsApp nas eleições de 2018*. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2020

NOBRE, M., CARVALHO, L. *A crise da esquerda no Brasil*. Editora Zahar. 2020

OLIVEIRA, Pedro; FEITOSA, Giulliany; SILVA. Petismo e antipetismo em relatos de simpatizantes da direita na internet. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, v. 14, n. 2, São João del-Rei: UFSJ, 2019 .

OLIVEIRA, Pedro; SANTOS, Willey; CASTRO, Heloisa. A identidade do “antipetismo” e do “petismo” em narrativas de simpatizantes do Partido dos Trabalhadores. *Revista de Psicologia, Fortaleza*, v. 11, n. 2, p. 27-37, 2020

OLIVEIRA, Rubens. *Polarização e democracia: Um estudo sobre o Brasil*. Editora Sociológica. 2020.

PARZIANELLO, Sandra Barbosa. Pelo antipetismo e pelo anti-conservadorismo: o discurso que significou à polarização. Artigo apresentado no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pelotas, 2018 .

PEREIRA, F.; BALDIN, R. Fake news e polarização política: O papel das redes sociais no Brasil. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 34(1), 45–68. 2019

PEREIRA, Carla Costa; OLIVEIRA FILHO, Enio Walcacer de. A influência da mídia na percepção pública da operação Lava Jato: análise dos impactos no sistema judicial e na opinião pública. Revista JRG de Estudos Acadêmicos, v. 7, n. 15, 2024

PEREIRA, V., SILVA, G. (2021). Movimentos identitários e a reconstrução da esquerda brasileira. Revista de Estudos Sociais.

PINA, Rute. Como surgiu o “antipetismo”, e do que ele se alimenta? Brasil de Fato, São Paulo: Brasil de Fato, 27 out. 2018.

PRAZERES, Leandro. Petistas e antipetistas são mais da metade do eleitorado brasileiro, aponta estudo inédito. BBC News Brasil, Brasília, 20 ago. 2022

RAMOS, Eliana Batista. Política, preconceito, ideologia e antipetismo nas páginas de direita do Facebook no ano eleitoral de 2014. Albuquerque: Revista de História, vol. 9, n. 17, jan.- jul. 2017

RENNO, Lucio. Bolsonarismo e as eleições de 2022. Estudos Avançados, v. 36, n. 106, São Paulo: USP, 2022.

RIBEIRO, Ednaldo; CARREIRÃO, Yan; BORBA, Julian. Sentimentos partidários e antipetismo: condicionantes e covariantes. Campinas: Opinião Pública, vol. 22, nº 3, dezembro, 2016.

ROCHA, Camila. Menos Marx, mais Mises: uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2018

ROCHA, Camila. Narrativas conservadoras e o antipetismo no Brasil. Editora Realidade. 2021

SANTOS, F. "Redes sociais e a difusão do antipetismo no Brasil". Revista Brasileira de Ciências Sociais, 35(1), 50-68. 2020

SANTANA, E.; PAIVA, H. Memes, redes sociais e a política do antipetismo. Revista Brasileira de Estudos Digitais. 2021

SILVA, Maria Terezinha da. Acontecimento: evocando sentidos, provocando ações: uma análise do “Mensalão”. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014

SINGER, André. Os Sentidos do Lulismo: Reforma Gradual e Pacto Conservador. São Paulo: Companhia das Letras. 2012

SINGER, André. Cutucando onças com varas curtas: o ensaio desenvolvimentista no primeiro mandato de Dilma Rousseff (2011-2014). Novos Estudos CEBRAP, v. 102, São Paulo: CEBRAP, 2015.

SINGER, André. Após marcha troll de Bolsonaro sobre São Paulo, democratas precisam isolar direita lunática. Folha de S. Paulo, São Paulo, 19 set. 2021.

SINGER, André. Brasil, junho de 2013. Novos Estudos CEBRAP, v. 97, São Paulo: CEBRAP, 2013.

SINGER, André. A reativação da direita no Brasil. Opinião Pública, v. 27, n. 3, Campinas: CESOP, 2021.

SINGER, André. Mídia e democracia. Revista USP, São Paulo, n. 48, p. 58-67, dez./fev. 2000-2001.

SINGER, André. O lulismo em crise: Um quebra-cabeça do período Dilma (2011-2016). 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SINGER, André. Os rumos do PT na crise política brasileira. Editora Política. 2018

SOARES, D. Mídia, desinformação e polarização política no Brasil. Editora Jornalística. 2020

SOLANO Esther; ORTELLADO, Pablo; MORETTO, Márcio. Guerras culturais e oopopulismo antipetista nas manifestações por apoio à operação Lava Jato e contra a reforma da previdência. São Paulo: s/e, 2017.

SOUZA, Cláudio. Antipetismo e ciclos de protestos no Brasil: uma análise das manifestações ocorridas em 2015. Em Debate, Belo Horizonte, v. 8, n. 3, p. 35-51, maio 2016

SOUZA, J. A Elite do Atraso: Da Escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: LeYa. 2019

SOUZA, J. A Guerra Contra o Brasil: Como a Lava Jato destruiu a economia e o sistema político nacional. São Paulo: Editora Elefante. 2021.

TATAGIBA, L.; GALVÃO, A. "As jornadas de junho e a nova conjuntura política no Brasil". Revista Brasileira de Ciência Política, 29(1), 89-121. 2019.

TELLES, Helcimara. Corrupção, antipetismo e nova direita: elementos da crise político-institucional. GV Executivo, v. 14, n. 2, Jul./Dez. 2015.

TELLES, Helcimara. A Direita Vai às Ruas: o antipetismo, a corrupção e democracia nos protestos antigoverno. Ponto e Vírgula, n. 19. São Paulo: PUC-SP, 2016.

VELASCO Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (Orgs.). Direita, volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015

VRITZER, L. O pêndulo da democracia: uma análise da crise que derrubou Dilma Rousseff e levou Jair Bolsonaro ao poder. São Paulo: Todavia. 2019

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making. Strasbourg: CouncilofEurope. 2017

WINK, Georg. Conservadorismo Brasileiro e a Nova Direita. Belo Horizonte: Emcomum Estúdio Livre, 2023.